



ÁFRICA EM NÓS: O ensino de Biologia na construção de uma educação antirracista

LEITE NUNES, Samilly¹
PORTO MENEZES, Breno¹
SILVA FREITAS, Rainara¹
DUTRA SANTOS DA MOTA, Sophia¹
SANTOS CORREIA ROSA, Isabela³

RESUMO: Partindo do princípio de que a escola desempenha papel central no combate ao racismo estrutural por meio da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), este artigo relata a experiência da oficina “África em nós: uma oficina de identidade e pertencimento”, desenvolvida com estudantes da educação básica, refletindo sobre as contribuições dessa vivência pedagógica para a formação docente crítica e para a promoção de uma educação antirracista. A atividade foi realizada com estudantes do ensino médio, de uma escola pública do estado de Sergipe e articulou conteúdos de Biologia a discussões sobre ancestralidade, diversidade humana e desconstrução do conceito de raça biológica. Tratou-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentado em um relato de experiência e na reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida. A análise das atividades evidenciou o potencial do ensino de Biologia para suscitar reflexões críticas acerca da diversidade e das relações étnico-raciais, além de favorecer o engajamento dos estudantes nas discussões propostas. Os resultados apontam para a relevância de práticas pedagógicas que integrem ciência, cultura e história, contribuindo para uma formação docente comprometida com a valorização da diversidade e com a construção de uma educação antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: biologia; epistemologias afrocentradas; formação crítica; valorização cultural.

1 INTRODUÇÃO

A educação tem o potencial de auxiliar no combate aos diversos tipos de preconceito existentes na sociedade brasileira. Desse modo, a escola, como ambiente institucionalizado de educação, é um espaço frutífero de discussão sobre temas sociais e culturais, dentre os quais, destaca-se o racismo estrutural. Assim, a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) ganha destaque no espaço

¹ Graduanda em Licenciatura de Ciências Biológicas, Bolsista do PIBID, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, samillyleite@academico.ufs.br

¹ Graduando em Licenciatura de Ciências Biológicas, Bolsista do PIBID, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, breno_menezes@academico.ufs.br

¹ Graduanda em Licenciatura de Ciências Biológicas, Bolsista do PIBID, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, rainarasf@academico.ufs.br

¹ Graduando em Licenciatura de Ciências Biológicas, Bolsista do PIBID, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, sdutramota@academico.ufs.br

³ Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências/Professora do Departamento de Biologia, Coordenadora de área do PIBID, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, isabelarosa@academico.ufs.br



escolar, pois viabiliza a criação de ações educativas focadas na construção de uma sociedade antirracista, auxiliando na quebra de estigmas, no combate ao apagamento histórico de certos grupos e na valorização da diversidade.

A EREER ganha espaço na escola a partir das transformações na legislação de ensino no Brasil, que foram impulsionadas também pelas batalhas históricas dos movimentos negros. A Lei nº 11.645/2008, nesse cenário, promoveu uma revisão no artigo 26-A da LDB, instituindo a obrigatoriedade do ensino sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica. Em 2013, a LDB passou por nova atualização, agregando o respeito à pluralidade étnico-racial como preceito fundamental da educação básica nacional. Tais alterações configuram notáveis progressos no cenário educacional, já que fomentam o exame de visões eurocêntricas tradicionalmente encontradas no currículo escolar, além de impulsionar a importância de diversos conhecimentos e culturas no âmbito educativo.

Conforme Comte (2005), a ciência foi compreendida durante muito tempo sob a perspectiva do positivismo clássico, sendo concebida como uma atividade objetiva, neutra e desvinculada de questões sociais. Sob essa lógica, acreditava-se que a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) não teria espaço nas aulas de Biologia, uma vez que essa disciplina era frequentemente associada apenas ao estudo dos fenômenos naturais. No entanto, essa compreensão tem sido progressivamente questionada, sobretudo quando se reconhece que o conhecimento científico também é produzido em contextos históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, Mayr (2005) destaca que a Biologia se distingue das ciências físicas por lidar com a complexidade, a diversidade e a dimensão histórica da vida. Assim, a EREER pode ser integrada ao ensino de Biologia em diferentes conteúdos, como genética e evolução, especialmente ao problematizar o conceito biológico de “raça” e discutir a diversidade humana. A teoria da evolução, por exemplo, evidencia que todos os seres humanos compartilham uma origem comum, contribuindo para a desconstrução de interpretações biológicas que, ao longo da história, foram utilizadas para justificar práticas racistas e discriminatórias.

Nesse cenário, é imprescindível preparar educadores aptos a incorporar a EREER nas escolas, dada a importância deles na criação de abordagens pedagógicas alinhadas a um ensino antirracista. Adicionalmente, a abordagem desse tema ajuda os alunos a identificar suas trajetórias, individualidades e laços, incentivando o respeito pela riqueza cultural existente no Brasil. Assim, destaca-se a importância do



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que oferece aos graduandos em licenciatura experiências de aprendizado no ambiente escolar, auxiliando no aprimoramento de uma formação inicial consciente e ponderada. Através dessas vivências educativas, os futuros docentes podem criar atividades pedagógicas que se conectem com as necessidades da sociedade e com a promoção da educação voltada para as relações étnico-raciais.

No contexto do PIBID, foi planejada e desenvolvida uma oficina, pautada na EREER, na qual foram debatidos temas como identidade, senso de comunidade e a importância de valorizar as culturas afro no contexto da escola. A iniciativa visou problematizar aspectos sociais e culturais no ensino de biologia, auxiliando no desenvolvimento crítico de futuros professores participantes.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo relatar a experiência da oficina intitulada “África em nós: uma oficina de identidade e pertencimento”, desenvolvida com estudantes da educação básica, refletindo sobre as contribuições dessa vivência pedagógica para a formação docente crítica e para a promoção de uma educação antirracista.

2 METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo, fundamentada em um relato de experiência, com foco em uma educação antirracista. Para Gil (2008), a pesquisa qualitativa se dedica à compreensão dos fenômenos em seus contextos originais, privilegiando significados e interpretações que os dados numéricos, isoladamente, não conseguem expressar. Partindo desse entendimento, o trabalho propõe uma reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida na oficina.

Esta experiência foi realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ligado à Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Sergipe, tendo como fio condutor do semestre a educação para as relações étnico-raciais (ERER). Os conteúdos de Biologia foram, então, articulados a essa temática. A oficina fez parte do projeto "ConscientizaDom: resgatando a ancestralidade e construindo uma escola antirracista", desenvolvido no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral Duarte, localizado no município de Aracaju, Sergipe.



A oficina, que contou com a participação de 25 estudantes de ensino médio, foi estruturada em dois momentos, com duração de aproximadamente uma hora cada. No primeiro momento, iniciou-se com uma dinâmica denominada “Mapa-Múndi”, na qual os estudantes foram convidados a refletir sobre a origem da espécie humana a partir do continente africano e sobre os processos de migração pelos diferentes continentes. A atividade buscou promover uma discussão sobre a origem comum da humanidade e a unidade biológica da espécie humana. Em seguida, foi realizada uma aula dialogada, abordando conceitos relacionados ao DNA e aos marcadores genéticos, destacando a diversidade genética humana e problematizando o conceito de raça biológica. Na sequência, os estudantes foram divididos em grupos para a atividade de análise de personalidades negras, na qual receberam perfis de figuras como Gilberto Gil, Sueli Carneiro, Pelé, Conceição Evaristo e Mãe Stella de Oxóssi. A partir disso, ocorreu uma discussão guiada sobre ancestralidade, identidade e trajetórias de superação, buscando valorizar referências negras em diferentes áreas da sociedade.

No segundo momento da oficina, realizou-se inicialmente uma breve retomada dos conceitos trabalhados anteriormente, seguida da explicação da atividade prática. Os estudantes foram então convidados a construir uma “Árvore da Vida”, representando suas ancestralidades e referências culturais, atividade que incluiu a inserção de nomes, regiões e símbolos culturais que considerassem significativos. Durante essa etapa, os pibidianos ofereceram acompanhamento e apoio aos estudantes que necessitaram de auxílio na construção de suas representações. Ao final, foi realizada uma exposição das produções na sala, formando uma espécie de galeria, na qual os alunos puderam compartilhar elementos presentes em suas árvores e refletir coletivamente sobre os significados da atividade. A oficina foi encerrada com uma síntese das discussões realizadas, destacando o papel da ancestralidade, da valorização da diversidade e do enfrentamento do racismo.

Na análise da experiência, foram considerados os seguintes aspectos: os aspectos positivos e negativos da oficina, bem como as dificuldades vivenciadas durante a realização da atividade. Também se buscou compreender de que forma essa vivência contribuiu para a formação dos pibidianos envolvidos, a partir dos conhecimentos gerados pela prática pedagógica desenvolvida na escola.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina “África em nós: uma oficina de identidade e pertencimento” foi essencial para a construção de um conhecimento que conecte os conteúdos da Biologia com discussões relacionadas à ancestralidade, diversidade e relações étnico-raciais. A dinâmica evidenciou o potencial da Biologia para promover diferentes reflexões sobre a origem comum da humanidade e a diversidade genética da espécie humana, além de problematizar o conceito de raça humana, do ponto de vista biológico. O momento inicial, com o mapa-múndi (Figura 01), possibilitou uma discussão sobre migrações e a origem humana na África, permitindo o entendimento de uma perspectiva histórica e científica. Além disso, as atividades envolvendo personalidades negras (Figura 02) e a construção da árvore da vida (Figura 03) favorecem a ideia de pertencimento e identidade com a cultura dos alunos, ampliando essa conexão entre ciência e história no contexto de sala de aula.

Figura 01. Dinâmica do Mapa-Múndi



Fonte: Autoria própria

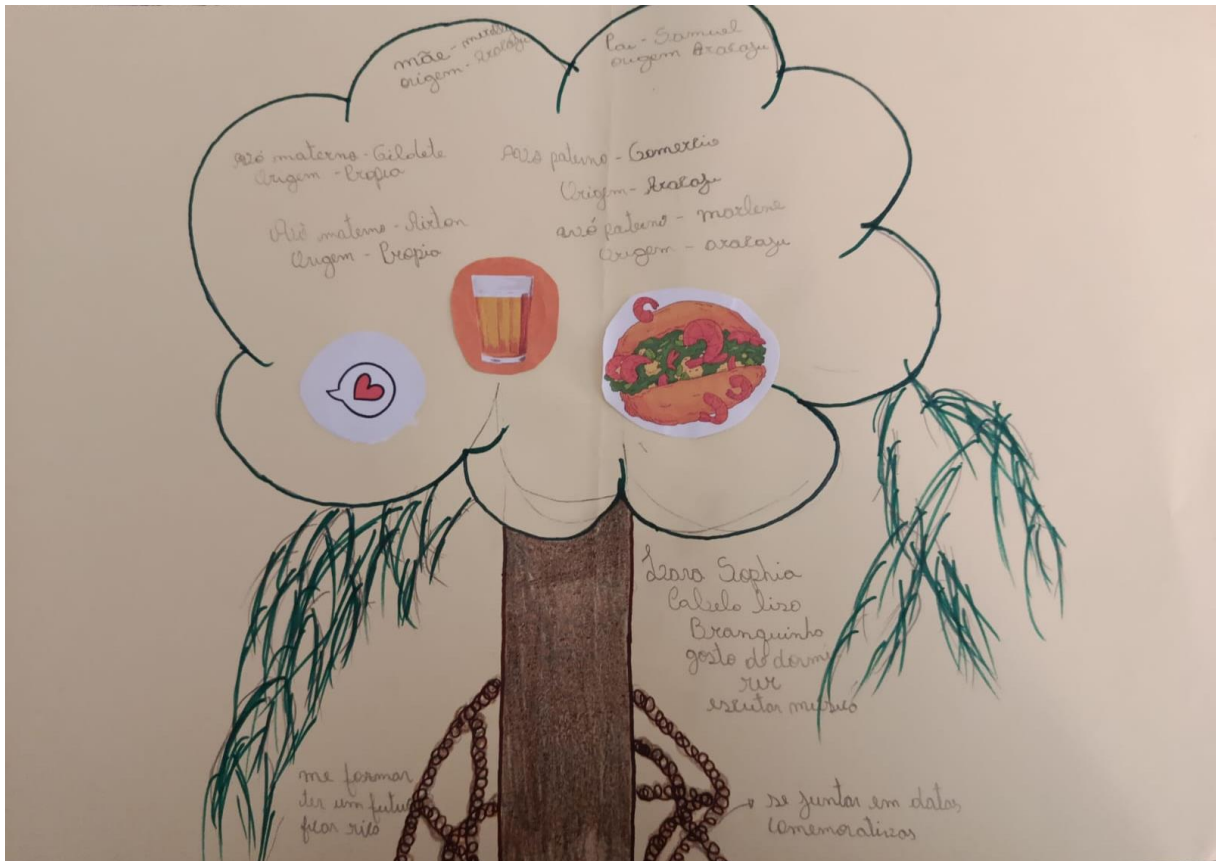


Figura 02. Atividade de análise de personalidades negras



Fonte: Autoria própria

Figura 03. Produção da atividade “Árvore da Vida”



Fonte: Autoria própria

As diferentes discussões realizadas na oficina conectam-se com reflexões teóricas acerca da construção histórica do conhecimento científico e das estruturas



de poder. Segundo Quijano (2005), a colonialidade consolidou um padrão de poder, no qual o conceito de raça foi utilizado como mecanismo de classificação social e legitimação de hierarquias. Nessa lógica, a ciência foi moldada a partir de um paradigma eurocêntrico, caracterizado por invisibilizar os saberes e contribuições de outros povos. Para Verrangia (2010), o ensino de ciências pode contribuir para a EREER por meio de discussões críticas em relação aos impactos sociais da ciência, pela valorização da diversidade e evidenciando as contribuições de outros povos para o desenvolvimento científico. Assim, a oficina buscou desconstruir visões naturalistas, ampliando as perspectivas epistemológicas presentes no ensino de Ciências e Biologia.

Outro aspecto importante é a utilização de conceitos da genética para discutir diferentes tópicos sobre a diversidade humana. A abordagem sobre DNA e marcadores genéticos possibilitou evidenciar que as diferenças genéticas entre populações humanas são pequenas quando comparadas à diversidade presente na própria espécie, desarticulando o conceito de raça humana do ponto de vista biológico. Nesse sentido, El-Hani e Mortimer (2007) reforçam que a Biologia contemporânea não sustenta a existência de raças humanas como categorias naturais. Assim, o conceito de raça deve ser compreendido sobretudo como uma construção histórica e social, mobilizada em diferentes contextos para produzir e legitimar desigualdades, o que reforça a importância de abordagens críticas no ensino de Biologia.

Em relação à formação docente, a experiência permitiu que os pibidianos compreendessem a importância de espaços de debates para a formação de professores comprometidos com o papel social do ensino de Biologia. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) destacam que a formação docente deve articular os conhecimentos científicos, pedagógicos e sociais, buscando desenvolver práticas que estimulem o papel da equidade e diversidade. Nessa perspectiva, as experiências desenvolvidas durante o PIBID permitem que os pibidianos explorem diferentes metodologias e discutam temáticas socialmente relevantes. Além disso, Nóvoa (2009) ressalta como o professor deve ser valorizado como sujeito ativo na construção do conhecimento sobre educação, sendo que a formação docente deve estar relacionada com a prática profissional e com a reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas escolas.



Em relação aos aspectos positivos da oficina desenvolvida, destaca-se a importante articulação da Biologia com discussões sociais e culturais, permitindo reflexões que não são habituais no contexto escolar. E, também, a realização de dinâmicas que incentivam a participação dos alunos, como a análise de personalidades negras e a construção da árvore da vida, favorecendo o engajamento da turma e as discussões. Apesar disso, também foram identificados alguns desafios durante a oficina, um deles foi a necessidade de retomar constantemente alguns conceitos nas discussões, principalmente no que se refere à relação entre genética, diversidade humana e conceito de raça.

Por fim, percebe-se em alguns alunos a dificuldade em refletir acerca da sua própria ancestralidade e identidade cultural, evidenciando a importância de trabalhar cada vez mais essas temáticas nas escolas. Para melhorar, sugere-se ampliar recursos didáticos que facilitem o entendimento e enriqueçam as discussões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa vivência, observou-se que a oficina evidenciou a importância e o potencial da Biologia para abordar diferentes temáticas, como diversidade humana, ancestralidade e identidade. A partir da discussão dos conceitos de DNA, diversidade genética e origem africana da espécie humana, foi possível discutir acerca do conceito biológico de raça, permitindo a desconstrução de discursos históricos que legitimam desigualdades raciais e sociais. Assim, a articulação entre conteúdos da Biologia com discussões sobre EREER possui papel fundamental para ampliar reflexões críticas no contexto escolar, em prol de uma educação antirracista.

Além disso, destacou-se a importância de espaços formativos que possibilitam aos pibidianos refletir acerca do papel social do professor e sobre a importância de discutir a EREER nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, o PIBID possibilita um espaço fundamental para a formação docente, permitindo a aproximação entre escola e universidade, favorecendo práticas mais reflexivas nas escolas e a construção de um viés crítico.

Por fim, é importante reafirmar a importância de propostas educativas que integrem ciência, história e cultura, para uma educação antirracista. Uma oficina como esta demonstra a possibilidade de abordar Biologia de forma crítica para discutir sobre diferentes assuntos, contribuindo para uma formação plural também de estudantes da educação básica.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Nota técnica: ensino de história e cultura indígena – Lei nº 11.645/08**. Brasília: MEC/SECAD, 2012. Disponível em: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2024/12/NOTATECNICA_lei11645.pdf.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 abr. 2020. Seção 1, p. 46-49.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Nova Cultural, 2005. 336 p.

EL-HANI, C.; MORTIMER, E. Multicultural education, pragmatism, and the goals of science teaching. **Cultural Studies of Science Education**, v. 2, n. 3, p. 657–702, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 248 p.

MAYR, E. **Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 272 p.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. São Paulo: CLACSO, 2005. p. 116-142.

VERRANGIA, D.; SILVA, P. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências. **Educação e Pesquisa**, v. 3, p. 705–718, 2010.